

## A AGLUTINAÇÃO SINTÁTICA DISCURSIVA E O ADJUNTO ADVERBIAL “COM O MARTELO”: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA

*Fabiola NÓBREGA<sup>1</sup>*

### RESUMO

Envoltos pelos meandros movediços das definições referentes à aglutinação, processo de formação de palavras, estriba-se que esta vem sendo aludida a partir dos campos fonológico e morfológico. No entanto, a nosso ver, abordá-la estritamente por esses vieses resume sua potencialidade e suas nuances, uma vez que os aspectos discursivos, característicos da língua, são postos à margem. À luz do exposto, o artigo em evidência pretende redefinir o processo focalizado, segundo a teoria enunciativa bakhtiniana, associando-o ao campo sintático da Língua Portuguesa. Para tanto, foi analisada, em trinta (30) artigos jornalísticos, publicados nos CDs Rom Folha Edição (99 e 2000) e, em construções auxiliares (enunciados diversos), a possibilidade de aglutinação sintática nos adjuntos adverbiais, no sentido de confrontar pontos de vista teóricos distintivos e compreender o que possibilita, nesses artigos, a aglutinação e/ou desaglutinação sintática. O artigo suscitará, então, um diálogo entre áreas distintas: fonologia, morfologia, sintaxe e teorias do discurso. Esse diálogo servirá para redefinir, segundo a teoria bakhtiniana, um aspecto gramatical (a aglutinação), ampliando a aplicabilidade do construto teórico sócio-interacionista. Com isto, será apresentada às definições de aglutinação, existentes nas gramáticas, que permeiam nossos circuitos de aprendizagem, uma alternativa teórica discursiva, ampliando o horizonte conceitual desse fenômeno.

**Palavras-chave:** Gramática, aglutinação, sintaxe, adjunto adverbial e discurso.

### ABSTRACT

Wrapped up by uncertain intrigues from definitions regarding agglutination, which is a formation process of words, it is considered that this phenomenon has been mentioned starting from phonological and morphologic fields. Nevertheless, according to our point of view, approaching it strictly from such inclinations summarizes its potentiality and nuances, since the discursive aspects, which are characteristic of language, are poorly explained. So, this work in evidence intends to re-define the focused process, according to Bakhtin's enunciative theory, associating it to the Portuguese Language syntactic field. In order to do so, syntactic agglutination possibility in the adverbial adjunct was analyzed, in thirty (30) journalistic articles, published in CD ROMs from Folha de São Paulo – Edition (99 and 2000) and in auxiliary constructions (several statements) with the purpose of confronting distinctive theoretical points of view and also to understand what makes possible syntactic agglutination and/or de-agglutination in such articles. The intended work will establish, then, a dialogue among distinctive areas: phonology, morphology, syntax and speech theories. This dialogue will aim to re-design, according to Bakhtin's theory, a grammatical aspect (agglutination), enlarging the applicability of social-interactionist theoretical basis. This way, a discursive theoretical alternative will be presented to agglutination definitions, which are present in grammars and can be taken as a manual that permeates our learning circuits. Such study aims, therefore, to enlarge this phenomenon conceptual horizon.

**Keywords:** Grammar, agglutination, syntax, adverbial adjunct and speech.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus VI.

## Considerações preliminares

Envoltos pelos meandros movediços das definições no tocante à aglutinação, processo de formação de palavras, percebe-se que esta vem sendo aludida a partir dos campos fonológico e morfológico. No entanto, a nosso ver, abordá-la estritamente por esses vieses resume sua potencialidade e suas nuances, uma vez que os aspectos discursivos, característicos da língua, são postos à margem.

À luz do exposto, o artigo em evidência pretende redefinir o processo focalizado, segundo a teoria enunciativa bakhtiniana, associando-o ao campo sintático da Língua Portuguesa. Para tanto, foi analisada, em trinta (30) artigos jornalísticos, publicados nos CDs- ROM Folha Edição (99 e 2000) e em construções auxiliares (enunciados diversos), a possibilidade de aglutinação sintática discursiva nos adjuntos adverbiais, no sentido de confrontar pontos de vista teóricos distintos e compreender o que possibilita, nesses artigos, a aglutinação e/ou desaglutinação sintática.

O artigo pretendido suscitou, então, um diálogo entre áreas distintas: fonologia, morfologia, sintaxe, teorias do discurso e enunciação. Esse diálogo serviu para redefinir, segundo a teoria bakhtiniana, um aspecto gramatical (a aglutinação), ampliando a aplicabilidade do construto teórico interacionista. Com isto, foi apresentada às definições de aglutinação, existentes nas gramáticas, que permeiam nossos circuitos de aprendizagem, uma alternativa teórica discursiva, ampliando o horizonte conceitual deste fenômeno.

A necessidade de desenvolver um artigo dessa estirpe partiu de indagações baseadas na leitura do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Bakhtin (1981), e da tese intitulada "Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em -mente", de Ribeiro (2003), acerca do campo limítrofe entre o lingüístico e o discursivo. Campo este que possibilitou lançar à aglutinação um olhar reflexivo, uma vez que se nota a possibilidade da aglutinação de funções sintáticas distintivas, conforme será apresentado no tópico (4).

Enfatizam-se aqui esses dois aspectos, visto que o conceito de aglutinação sintática discursiva em adjuntos adverbiais, segundo o sócio-interacionismo bakhtiniano, ainda não foi desenvolvido por outros pesquisadores. Entretanto, a possibilidade de aglutinação sintática discursiva já vinha sendo pesquisada por Nóbrega (2002), num projeto do PIBIC, sob a orientação do professor Dr. Luiz Francisco Dias.

Nesse período, surgiu a idéia de redefinir a aglutinação. Contudo, devido ao pouco tempo, foram feitas apenas considerações preliminares, não sendo observada, portanto, a aplicabilidade da teoria bakhtiniana ao conceito de aglutinação sintática discursiva.

## I. Bakhtin: o interacionismo

Contrário ao conceito de linguagem aludido pela tradição, Bakhtin (1981) afirma que o fenômeno lingüístico ultrapassa os limites dos campos físico, fisiológico e psíquico, já que está associado ao âmbito social. Então, abordá-lo a partir desses prismas indefine a natureza lingüística, limitando-a. Para delinear seu objeto de estudo, ele discorre sobre duas correntes teóricas distintas: o Objetivismo Abstrato e o Subjetivismo Individualista, particularizando-as. Em seguida, o autor contrapõe pontos de vista, no sentido de respaldar sua concepção acerca da língua.

O Objetivismo Abstrato, representado por Saussure, lança à língua um olhar particular, o qual se reveste pelo social, configurando-se através da necessidade comunicativa. A língua seria, então, um objeto abstrato ideal e falado socialmente, materializado a partir de um sistema sincrônico, impositivo por natureza, no qual eram

rejeitadas as manifestações lingüísticas reais (a fala/parole). No âmbito dessa concepção, o sujeito, apesar de não ser negada sua existência, foi simplesmente silenciado. Cabia a ele, portanto, aceitar passivamente um sistema lingüístico pronto e acabado.

Para Bakhtin (1981), a língua se constitui através dos processos interativos, delineados socialmente. Esse pensador da linguagem enfatiza justamente aquilo que Saussure marginalizou: a fala, manifestação lingüística que se encontra intimamente entrelaçada com as condições de comunicação, organizadas pelo viés social. Com isso, não é descabido se afirmar que, segundo a teoria bakhtiniana, o Objetivismo Abstrato apresentou uma visão no tocante à língua insatisfatória. Isso ocorreu visto que ele observou, a partir de um sistema lingüístico abstrato, sincrônico e, sobretudo, imutável, os fatos lingüísticos.

Ao passo que o Subjetivismo Individualista observou a língua, de acordo com Bakhtin (1981, p. 72), como “uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (energia), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala”. A língua seria, portanto, oriunda de tais atos e as leis que governariam a criação lingüística seriam configuradas através da psicologia individual. Para esse pensador da linguagem, um dos calcanhares-de-aquiles dessa teoria é o fato de ela se centrar, justamente, na enunciação monológica.

O Subjetivismo Individualista, segundo as premissas bakhtinianas, centra-se numa teoria de expressão puramente falsa. Essa corrente teórica postulou que a expressão seria constituída através do conteúdo interior e da objetivação exterior. A essência da língua estaria no interior, enquanto o exterior serviria “simplesmente” como escopo tradutor. Contrário a esse ponto de vista, o viés bakhtiniano defende que o interior não determina o exterior, visto que a relação é indubitavelmente invertida, ou melhor, este modela aquele, assim como nos afirmou Ribeiro (2004, p.33):

*contrário a tal compreensão, Bakhtin defende que o processo se dá de forma completamente oposta: não é a atividade mental que organiza a expressão, mas é esta que organiza aquela. O centro organizador da expressão situa-se no meio social em que se insere o indivíduo.*

Pelo exposto, nota-se que as duas correntes teóricas discutidas pelo construto bakhtiniano observam a língua através de caminhos tortuosos e inadequados, uma vez que não atentam para a interação verbal, conforme nos afirmou o próprio Bakhtin (1981, p.123):

*a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.*

Ao lançar à língua um olhar particular, observando-a a partir do sócio-interacionismo, como fez Bakhtin, nota-se que as definições sobre aglutinação, pautadas nos vieses fonológico e morfológico, são insuficientes para explicar todas as nuances desse fenômeno. Segundo Nóbrega (2005), isso ocorre uma vez que o processo em foco vem sendo estudado à luz do ideário estrutural, o qual observa a língua através de um prisma sistemático, voltando-se para estudos referentes à estrutura lingüística. Além disso, o entorno teórico relativo à aglutinação supõe um sujeito que desenvolve sua compreensão passivamente.

No entanto, segundo Bakhtin (1981, p. 131), “compreender é opor à palavra de um locutor uma contrapalavra”. A compreensão se realiza, portanto, a partir de uma

relação dialógica/conflitiva entre palavras mencionadas por locutor e interlocutor, organizados socialmente.

Desta forma, pode-se aferir que negligenciar a exterioridade, constitutiva do lingüístico, e negar a compreensão ativa do sujeito são atitudes que resumem algumas especificidades do objeto de estudo em evidência. No sentido de validar tais apontamentos, será mostrado, a seguir, como a aglutinação vem sendo descrita na morfologia. Posteriormente, haverá uma proposta, de acordo com os moldes enunciativos bakhtinianos, no tocante a esse fenômeno.

## II. A aglutinação na morfologia

Segundo o construto teórico defendido por Bechara (1999), os principais processos de formação de palavra na Língua Portuguesa são a derivação e a composição. A derivação é a possibilidade de formar palavras através de outras, consideradas primitivas. Enquanto a composição diz respeito à criação de uma nova palavra a partir de dois radicais inter-relacionados, com significado único, configurando-se através da justaposição ou da aglutinação.

No concernente à justaposição, pode-se afirmar que esse fenômeno apresenta peculiaridades próprias, dentre elas a possibilidade de formar palavras compostas com radicais livres, consoante se observa em “guarda-chuva” e “pé-de-moleque”. Individualidade esta que se fundamenta a partir de dois planos: o escrito e o fonológico. A independência constitutiva das palavras, perceptível a partir da escrita do sintagma nominal, é estabelecida através da justaposição dos dois radicais, geralmente inter-relacionados por um hífen. Já na pronúncia, configura-se a partir da independência fonética.

No tocante à aglutinação, o autor mencionado afirma que é um processo formador de palavras compostas através da fusão de dois radicais, à guisa de ilustração: “planalto” e “aguardente”. Esse agregamento se constitui pela restrição vocabular, decorrente do aparecimento de um único acento tônico, bem como da substituição ou eliminação de fonemas, construindo-se uma nova palavra. A autonomia fonética do primeiro componente, portanto, é suplantada, sofrendo alterações em sua pronúncia. Assim, em planalto (plano + alto), há na palavra “plano” o apagamento da vogal “o” e da tonicidade, uma vez que esta é transportada para a sílaba “nal” da palavra composta analisada. Já em aguardente (água + ardente), a palavra “água” perde a vogal “a” e sua tonicidade (água), visto que esta é apresentada na sílaba “den” da palavra composta.

Seguindo essa perspectiva, Dubois *et alii* (1998, pp. 32) nos afirmam que o processo em pauta significa “a união, numa única unidade de dois ou vários termos originariamente distintos, mas que se encontram freqüentemente juntos em um sintagma”, ao passo que, para Câmara Jr. (1968, p. 35), a aglutinação representa:

*a perda da delimitação vocabular entre duas formas que se reúnem por composição (v.) ou por derivação (v.) e assim passam a constituir um único vocábulo fonético (v.). A perda da delimitação vocabular decorre - (1) da subordinação das duas formas a um único acento vocabular (v.), 2) de troca ou perda de fonema, por sândi interno, 3) de modificações de ordem mórfica, que fazem da forma um elemento de composição ou derivação. O fenômeno oposto à aglutinação é a justaposição (v.), em que persiste a delimitação vocabular entre as formas.*

Tendo como pano de fundo esses pressupostos, observa-se, então, que a aglutinação, para Câmara Jr. (1968), associa-se tanto à composição quanto à derivação, sendo opositiva

à justaposição. Assim, não é incabível se pontuar que, ao associar o fenômeno em foco à derivação, esse autor já observa um outro aspecto marginalizado por Bechara e por Dubois *et al.* Com isto, amplia o campo conceitual da aglutinação; entretanto, todos negligenciam o aspecto discursivo.

Considerando os apontamentos percorridos, verifica-se que o fenômeno da aglutinação vem sendo definido através de aspectos fonológicos e morfológicos. Para nós, aludi-lo estritamente por esses âmbitos resume sua potencialidade constitutiva, não contemplando todas as suas particularidades, já que são negligenciados os fatos discursivos (próprios da língua). Por isso, o fenômeno mencionado será a seguir redefinido à luz do construto teórico bakhtiniano e associado à sintaxe da Língua Portuguesa.

### III. A aglutinação na sintaxe discursiva: o adjunto adverbial

A aglutinação, vista pela ótica enunciativa bakhtiniana, não se relaciona com os campos fonológico e morfológico, uma vez que é associada ao sintático, conforme as postulações anteriores. Esse fenômeno, a nosso ver, é, portanto, um processo sintático de origem enunciativa, que pode afetar funções sintáticas distintas: complemento verbal, núcleo, sujeito e adjunto adverbial de instrumento. Entretanto, no momento, será aludido apenas o adjunto adverbial de instrumento, no sentido de aclarar o conceito de aglutinação defendido por nós.

A título de ilustração, observe os exemplos (1) e (2):

*Ex. (1) Acho que a chatice do artista batendo com o martelo na cabeça terminou. Essa contemplação do nada tem que virar produção. Eu estou tentando sair desse beco* (Folha, 11 de fevereiro de 1994, p.p. 1-5).

*Ex. (2) Nos últimos dias, este espaço martelou a importância dos números na análise de esportes. Há dez dias, mostrou que, se dependesse das estatísticas, a França já podia numerar o título* (Folha, 13 de julho de 1998, p. 4-19).

Em âmbitos gerais, de acordo com Faraco & Moura<sup>2</sup> (1999, p. 459), o adjunto adverbial seria:

*o termo da oração que indica uma circunstância do fato expresso pelo verbo ou intensifica o sentido do verbo, do adjetivo e do advérbio. O adjunto adverbial exerce, portanto, a função de modificador e de intensificador.*

Seguindo estes pressupostos, percebe-se que o adjunto adverbial seria, então, um termo que pode se acoplar ao verbo, ao adjetivo e ao advérbio, ora os modificando, ora os intensificando. Termo este que se encontra materializado no sintagma, já que se faz notório no enunciado. Assim, para Faraco & Moura (1999), construções do tipo: a) Vão viajar *amanhã* e b) Viajam *muito* apresentam casos específicos de adjuntos adverbiais. Naquela encontra-se o termo “amanhã” que estaria “modificando” o sentido do verbo “viajar”, já que a viagem não será em um dia aleatório, sendo realizada “amanhã”, um determinativo.

Utiliza-se aqui o termo “determinativo” uma vez que, para nós, expressões como essas (amanhã) não modificam o sentido do verbo e sim o determinam. Observe que, ao se proferir enunciados como: a) “Vou viajar” e b) “Vou viajar amanhã”, o campo semântico

<sup>2</sup>Esses são gramáticos tradicionais que têm seus construtos teóricos difundidos em sala de aula, como instrumento pedagógico.

do verbo “viajar” continua intacto. Com isso, afere-se que o diferencial dessas construções reside no fato de, no enunciado (a), não haver uma informação no tocante ao momento previsto da viagem. Entretanto, no enunciado (b), esse dado se faz presente na estrutura sintagmática, determinando a realização da viagem.

Enquanto no enunciado “Viajam muito” observa-se um outro termo (muito), o qual serve como um “intensificador”. Nesse sentido, “muito” está intensificando o campo semântico do verbo “viajar”.

À luz do construto teórico em evidência, estriba-se, ainda, que o adjunto adverbial é arrolado a partir de distintos tipos: a) causa, b) companhia, c) condição, d) dúvida, e) finalidade, f) instrumento, dentre outros. O adjunto adverbial de instrumento<sup>3</sup>, por sua vez, configura-se mediante a especificação do (s) instrumento (s) com que se realizou (ram) algo. Desta forma, em enunciados como “Batia com a caneta sobre o livro”, a expressão “com a caneta” é denominada adjunto adverbial de instrumento, uma vez que aponta o instrumento com que se bateu no livro.

Se forem analisados, segundo Faraco & Moura (1999), sintaticamente os exemplos (1) e (2) supracitados, nota-se que apenas em (1) haveria um adjunto adverbial de instrumento: com o martelo. No entanto, para nós, nos dois exemplos supracitados, há a função sintática em análise, sendo que, em (2), há um caso de aglutinação sintática. O adjunto adverbial de instrumento encontra-se, então, nesse exemplo, aglutinado no núcleo verbal (martelou).

Ao se proferir o exemplo (2), constata-se que, no núcleo verbal “martelou”, o adjunto adverbial de instrumento (com o martelo) encontra-se aglutinado. Isso ocorre uma vez que este pertence ao mesmo campo semântico do verbo em análise. Nada na língua impediria construções do tipo: martelou com o martelo. No entanto, a usualidade lingüística evita pronunciar enunciados como este, uma vez que a expressão “com o martelo” faz parte do conhecimento compartilhado entre os locutores e interlocutores, evitando, assim, a redundância. Com isto, nota-se que o ato de enunciar envolve sujeitos organizados socialmente, consoante afirma Bakhtin (1981). Assim, parece que o próprio social impede a não desaglutinação, em verbos dessa estirpe, do adjunto em foco.

Bakhtin (1981, p.131) afirma que compreender “é opor à palavra do locutor uma contra palavra”, conforme se pontuou no tópico (2). Nesse sentido, realiza-se uma compreensão ativa responsiva, uma vez que o diálogo entre locutores e interlocutores, organizados pelo viés social, configura-se através de palavras que se digladiam semanticamente.

Pressupondo as postulações discorridas, observa-se que, em um diálogo no qual se pronuncia o exemplo (2), “Nos últimos dias, este espaço *martelou* a importância dos números na análise de esportes”, é desnecessário materializar o adjunto adverbial (com o martelo). Isso acontece já que, se o locutor dissesse “...este espaço *martelou com o martelo...*”, não daria possibilidade de seu interlocutor se opor à informação dada no tocante ao instrumento utilizado para martelar. Nesse caso, a informação veiculada por esse adjunto adverbial em nada auxiliaria, com base na teoria bakhtiniana, a evolução do diálogo. Verbos como este delimitam seu instrumento adverbial, aceitando apenas aquele que se acopla ao seu núcleo (com o martelo).

Com isso, constata-se que, se se recorrer ao plano do enunciável, é possível, em determinados verbos, no caso “martelar”, verificar a aglutinação de duas funções sintáticas: o núcleo (perceptível na estruturação sintagmática) e o adjunto adverbial de instrumento (com o martelo), depreendido através da enunciação. Resta saber agora o porquê de o processo de aglutinação sintática ocorrer com verbos do tipo “martelar” e não atingir verbos como “bater”.

Em (1), nota-se que o adjunto adverbial se materializa no sintagma, visto que não

<sup>3</sup> No momento, suscita-se aqui uma discussão acerca só do adjunto adverbial de instrumento, já que este é o objetivo do artigo em foco.



faz parte do mesmo campo semântico do verbo “bater”. Assim, ao se proferir “Acho que a chatice do artista *batendo com o martelo* na cabeça terminou”, nota-se que o verbo em análise não traz, em seu código lingüístico, o sentido específico do adjunto adverbial de instrumento. Desta forma, a usualidade lingüística nos permite comumente erigir enunciados do tipo: “Rafael bateu com o pé na mesa”, “Roberta bateu com o cotovelo na mesa”, “Mônica bateu com a mão na mesa”, dentre outros.

Diante dessa diversidade de possibilidades relativa à função sintática em análise, sente-se a necessidade de projetá-la lingüisticamente, no intuito de determinar o instrumento utilizado para se “bater” em algum lugar. Assim, é insuficiente, em algumas situações, mencionar: “Rafael bateu na mesa”, pois é preciso uma outra informação. No caso, aquela inferida pelo adjunto adverbial, para que esse enunciado apresente um grau maior de completude semântica. Não é de todo descabido afirmar, com isso, que o verbo “bater” provoca, em situações enunciativas distintas, a materialização de seu adjunto.

À luz das considerações emaranhadas, estriba-se que o fato de o verbo “bater” não apontar, através de seu núcleo, um único sentido para o adjunto adverbial possibilita diversas opções. Nesse sentido, a usualidade lingüística não marginaliza a projeção desse adjunto, considerando as construções esdrúxulas.

Além disso, um enunciado como “Rafael bateu com o pé na mesa” possibilita, numa situação dialógica, ao interlocutor refutar a informação veiculada pelo adjunto adverbial de instrumento (com o pé). Nesse caso, ao ser mencionado, o outro pode afirmar que Rafael não bateu na mesa “com o pé” e sim “com a mão”, permitindo a evolução do diálogo, visto que a compreensão está se realizando ativamente entre locutor e interlocutor, como afirma o próprio Bakhtin (ibidem).

Por fim, depreende-se que a aglutinação sintática é um processo de origem enunciativa, configurando-se através de um lugar, que pode ser preenchido na estruturação sintagmática ou simplesmente ocultado. O processo citado possibilita, através da inter-relação da camada orgânica e da camada enunciativa, a construção de um saber de entremeio, conforme mencionou Nóbrega (2005).

#### IV. Considerações (quase) finais

Com base nas postulações aqui discorridas, verifica-se que a aglutinação, processo de formação de palavra, é um objeto de estudo que vem sendo aludido, a partir dos campos fonológico e morfológico, pela tradição. Contrapondo essas pontuações, apresentou-se aqui uma proposta, de acordo com o construto teórico bakhtiniano, de redefinição da aglutinação, no sentido de recuperar os resíduos deixados pela tradição e sobretudo tomá-los como ponto de observação, dando-lhes uma nova roupagem enunciativa. Com isso, pôde-se conferir amplitude ao conceito do fenômeno analisado, bem como a aplicabilidade da teoria interacionista bakhtiniana.

A título de ilustração, a função sintática de adjunto adverbial foi tomada como objeto de análise, no propósito de se fundamentar os eixos teóricos defendidos neste artigo.

A partir dessa análise, constatou-se que, segundo a corrente tradicional, só haveria adjunto adverbial de instrumento (com o martelo) no exemplo (1), já que esta função está materializada lingüisticamente no sintagma: “Acho que a chatice do artista *batendo com o martelo na cabeça terminou...*”. Embora em (2) haja alguns verbos, dentre eles “martelar”, o construto teórico em evidência não admite a existência do adjunto adverbial, visto que nenhum termo presente na construção lingüística exerceria essa função sintática.

Entretanto, para nós, tanto em (1) como em (2) há o adjunto adverbial de instrumento. Naquele, esta função sintática é perceptível no próprio sintagma: com o

martelo. Isto acontece uma vez que o verbo “bater” não comporta, em seu campo semântico, o sentido restrito de seu adjunto, podendo, então, configurá-lo em situações enunciativas peculiares de maneiras diferentes. Assim, a usualidade lingüística não taxa como esdrúxulos os enunciados: a) Rafael bateu na mesa com o martelo e b) Rafael bateu na mesa com o pé.

Pelo exposto, afere-se que o verbo “bater” projeta o lugar do adjunto adverbial de instrumento, no sentido de aclarar o seu horizonte semântico, podendo, com isso, ser preenchido por denominações instrumentais diferentes. Além disso, esse tipo de materialização distinta é possível, pois possibilita que a compreensão entre locutores e interlocutores organizados socialmente se realize ativamente, conforme afirmou Nóbrega (2005).

Ao passo que em (2) o adjunto adverbial também se faz presente, estando aglutinado no núcleo verbal “martelou”. Nesse sentido, não é descabido afirmar que, ao se proferir o enunciado “Nos últimos dias, este espaço martelou a importância...”, convergem para o mesmo ponto (“martelar”) duas funções sintáticas: o núcleo e o adjunto adverbial. Não há, portanto, a materialização no sintagma desta última, já que a informação “com o martelo”, nessa situação, é compartilhada entre os sujeitos. A usualidade lingüística, por sua vez, tende a evitar a redundância, visto que não auxilia na evolução do diálogo, discutido pelo ideário bakhtiniano.

Desta forma, nota-se que o lugar do adjunto adverbial de instrumento pode ser preenchido ou simplesmente ocultado, sendo, entretanto, perceptível no discurso. Embora haja a interferência de fatores morfológicos e semânticos, a ocupação dessa função sintática depende indubitavelmente da enunciação, vista pela ótica bakhtiniana. Nessa perspectiva, cabe ao locutor e ao interlocutor selecionarem o sentido do verbo enunciado através da contraposição de palavras e aceitarem (ou não) a materialização do adjunto. Resta saber agora se é próprio do gênero artigo jornalístico a ocorrência desse tipo de aglutinação, fato que será discutido num próximo artigo.

Por fim, depreende-se que a aglutinação sintática discursiva é um processo de origem enunciativa delineado socialmente, configurando-se a partir do diálogo entre interlocutores. Esse fenômeno se realiza através de um lugar, que pode ser preenchido no plano da organicidade (sintaxe) ou simplesmente ocultado (efeito de sentido), sendo, entretanto, perceptível no plano do enunciável. O fenômeno citado possibilita, então, através da inter-relação desses planos, a construção de um saber de entremeio. Isto é, o saber pautado na relação entre o lingüístico e o discurso, assim como afirmou Dias (2001) em seu texto “O fato lingüístico e a construção de um saber de entremeio”.

Com isso, apresentou-se uma outra forma de aludir à aglutinação, no sentido de mostrar uma alternativa consistente no tocante às definições desse processo contidas nas gramáticas para que se possam atenuar algumas limitações perceptíveis em tais conceitos.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CAMARA, Joaquim. Mattoso. Junior. *Filologia e gramática*. Rio de Janeiro: Iozon, 1968.
- \_\_\_\_\_. O fato lingüístico e a construção de um saber de entremeio. In: *O Imparcial*, Araraquara, p. 215-230, 2001.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1968.



- FARACO & MOURA. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1999.
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Folha – edição, 2000. Bienal. CD – ROM.
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Folha – edição, 1999. Bienal. CD – ROM.
- NÓBREGA, Fabíola. Repensando a aglutinação: uma perspectiva bakhtiniana. In: *XXI JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*. João Pessoa: Idéia, 2006. p. 888-897.
- \_\_\_\_\_. A aglutinação sintática em e-mail (s) pessoais: uma perspectiva bakhtiniana. In: *I CONGRESSO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO: DESAFIOS LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E PEDAGÓGICOS*, 2005, Recife. Anais... Recife: UFPE. p. 100-115.
- NÓBREGA, Fabíola; DIAS, Luiz. Francisco. A aglutinação sintática e os verbos “morrer” e “falecer”: uma perspectiva enunciativa. In: *XX JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (GELNE)*, 2004. João Pessoa. Anais... João Pessoa: UFPB. p. 915-929.
- \_\_\_\_\_. Gramática do português: a aglutinação e os limites do campo gramatical. In: *X ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPB*, 2002. João Pessoa. Anais... João Pessoa: UFPB. p. 214.
- RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho. *Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em -mente em interações orais dialogadas*. 237 f. 2003. Tese de doutorado na Área do sócio-interacionismo - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2003.